

Firmam-se os novos focos de poder político

A candidatura de Fernando Collor de Mello apresentou índices de resistência e estabilidade bem maiores do que esperavam seus adversários. É verdade que as sondagens de opinião tornaram-se mais precárias numa sucessão enlouquecida como a atual. Embora haja muita dissonância entre os números do Gallup e da DataFolha, numa coisa eles coincidem: a recuperação do candidato do PRN mesmo que a Justiça eleitoral tenha mantido a candidatura do apresentador Sílvio Santos. Como estamos a menos de uma semana do pleito parece extremamente difícil deslocar Collor da decisão no segundo turno. A situação vai se tornando dramática para os três candidatos de esquerda que aspiram a ter presença na final: Brizola, Lula e Covas.



Nada foi suficiente para induzir os partidos esquerdistas a somarem esforços e assegurar unidade na eleição, mantendo candidato na disputa seja qual for a esquematização do quadro do centro-direita. Os números oferecidos pelas pesquisas continuam a apontar empate de Brizola e Lula, aberta ainda a oportunidade para Covas cujo crescimento é bastante visível nos grandes núcleos urbanos do país. O segmento esquerdista captou cerca de 35% das preferências populares, mas dispersas entre seus vários nomes. Nestes dias finais deverá adquirir dramaticidade a luta entre os dois nomes da esquerda mais bem situados e, como não foram sensíveis a sugestões de composição, o próprio eleitorado é que deverá se incumbir de carrear a maioria de votos para um deles.

A polarização que não está ocorrendo no primeiro turno será inevitável no segundo turno e, a partir da próxima semana, as negociações correrão céleres entre os partidos. Políticos do PMDB estão no pressuposto de que retomarão a influência no final do episódio eleitoral pelo volume e importância das suas bancadas parlamentares. É provável, no entanto, que haja dispersão na representação popular em função dos novos focos de atração que se criarão na fase final da disputa. Nem todo o PMDB irá para a esquerda ou para o centro ou a direita. O partido continua vocacionado para a dispersão e dificilmente manterá posição hegemônica no Congresso depois das eleições. Como se sabe, no dia seguinte ao da posse do futuro presidente, começa o período eleitoral para renovação do Congresso e escolha dos governadores.

A eleição deste ano está indicando que os partidos já não comandam a situação política e o que aconteceu no plano federal poderá se repetir nos diversos planos regionais. Candidatos livre-atiradores poderão emergir por toda a parte e, conforme os pontos que marcarem na batalha da comunicação, poderão prosperar independentemente de partidos e bases eleitorais. A vinculação da eleição congressual e de governadores preservaria alguns centros de aglutinação, mas nada por enquanto é certo: 1990 pode repetir 1989 e ser igualmente em cada estado um salto no escuro. Por isso mesmo parecem irreais propósitos de lideranças peemedebistas de traçar rumos para o país depois da eleição. O vitorioso irá fazer sua cooptação na base de interesses específicos e as adesões continuarão a testemunhar a natureza do comportamento político.

Não há dúvida de que o PFL foi descartado da história contemporânea do país, muito embora alguns de seus líderes com prestígio estadual possam sobreviver. O mesmo pode acontecer com o PMDB, cujas dimensões maiores seriam possivelmente um obstáculo a qualquer esforço unitarista. Parece irrelevante que Waldir Pires tenha planos para o segundo turno e para depois, a não ser na medida da afirmação da sua condição de liderança baiana. Na Bahia, os dados apontam também para uma desagregação do seu partido, sendo provável que o governador Nilo Coelho e o ex-governador Roberto Santos marchem por um lado e Pires por outro. Nenhum daqueles dois tem vocação socialista. Nem eles, nem o senador Luís Viana Filho, nem o deputado Prisco Viana. A equação local ainda é anticarlista, mas esse ponto de conjunção pode desfazer-se.

A opção por Brizola ou por Lula, se um dos dois se situar para o segundo turno, será a indicação certa de que o PMDB continuará a dispersar-se. Se alguns políticos de centro ou de direita podem acompanhar, ainda que temerosos, o candidato Leonel Brizola, não parece provável que qualquer deles embarque numa campanha para eleger Lula. O centro-esquerda teria em Mário Covas sua melhor opção, mas o prematuro desligamento do senador do seu partido para fundar o PSDB afastou dele uma pesada estrutura política em São Paulo, onde ele deverá ser bem votado independentemente do poder aglutinador da sua nova legenda. O PSDB, o PT e o partido que emergir de um sistema vitorioso de Fernando Collor deverão se situar para a disputa da sucessão paulista e desalojar o PMDB de um governo que está ocupando num segundo mandato.

Carlos Castello Branco